



# DISSONÂNCIA

Revista de Teoria Crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

[www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica)

---

**Título** Sociedade sem oposição: *O homem unidimensional* de Marcuse encontra o *Realismo capitalista* de Mark Fisher

**Autor(a)** Nina Power

**Tradutor(a)** Bárbara Santos

**Fonte** Dossiê Herbert Marcuse, Parte 1 (*Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, volume 2, número 1. 1, junho de 2018)

## Como citar este artigo:

Power, Nina. “Sociedade sem oposição: *O homem unidimensional* de Marcuse encontra o *Realismo capitalista* de Mark Fisher”. Trad. Bárbara Santos. *Dossiê Herbert Marcuse, Parte 1 (Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 2, n. 1.1), p. 22-34, junho de 2018.

# SOCIEDADE SEM OPOSIÇÃO

## O HOMEM UNIDIMENSIONAL DE MARCUSE ENCONTRA O REALISMO CAPITALISTA DE MARK FISHER<sup>1</sup>

Nina Power

*Roehampton University*

*Tradução de Bárbara Santos*

**Resumo:** Este texto procura ler em conjunto os textos *O homem unidimensional* de Herbert Marcuse e *Realismo capitalista* de Mark Fisher, no contexto ao qual Marcuse chama de “sociedade sem oposição”. Ele procura extrair uma concepção de esperança como método internamente a essas duas análises, que são por vezes bastante sombrias. Essa concepção compartilhada de esperança é entendida como uma tentativa de falar de uma concepção de capitalismo como inferno e que, de qualquer modo, continua a falar dele. O texto acaba por defender uma concepção de esperança que assombra, em vez de uma esperança que promete.

**Palavras-chave:** Marcuse, Fisher, esperança, fantasmas, inferno, capitalismo, céu.

---

<sup>1</sup> Este ensaio é dedicado à memória de Mark Fisher, cuja ausência nunca cessará de nos afligir.

## Introdução: O método do inferno

*O homem unidimensional* de Herbert Marcuse foi publicado em 1964 sob a ameaça da “catástrofe atômica”. Marcuse revela como, nas sociedades industriais, a irracionalidade mascara-se de racionalidade tecnológica, e prossegue descrevendo a cooptação e o conteúdo de todas as demandas por mudanças quantitativas à luz das “tendências totalitárias de uma sociedade unidimensional” (Marcuse 1973: 232). *Realismo capitalista: Não há alternativa?* de Mark Fisher foi publicado em 2009 à sombra da distopia do capitalismo tardio, da crise econômica global e da sensação geral de que “não apenas o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, mas também que agora é impossível mesmo *imaginar* uma alternativa coerente para ele” (Fisher 2009: 2). Nos quarenta e cinco anos que separam os dois textos, as afinidades entre eles são claras. Ambos os escritores levam o pensamento crítico ao limite, descrevendo tudo nos termos mais fortes e ainda permanecendo, apesar de tudo, comprometidos com a transformação de tudo. Dessa forma, então, ambos os textos são modelos exemplares de escrita *sem esperança, mas que mesmo assim continuam a escrever*. Ao final de *O homem unidimensional*, após de notar que “A verdadeira fisionomia de nossa época se mostra nas novelas de Samuel Beckett” (Marcuse 1973: 227), Marcuse cita o texto “No começo de uma era fascista” de Walter Benjamin: *Nur um der Hoffnungslosen willen ist uns die Hoffnung gegeben* – Somente em nome dos desesperançados nos é dada esperança (ibid.: 235). O texto de Fisher conclui com uma afirmação similarmente poética: “O menor dos eventos pode rasgar e fazer um buraco na cortina cinza da reação que marcou o horizonte de possibilidades sob o realismo capitalista. De uma situação na qual

nada pode acontecer, de repente tudo é mais uma vez possível” (Fisher 2009: 81).

O que eu quero explorar neste breve texto são as similaridades de *método* em ambos os trabalhos de Marcuse e de Fisher, o que significa abraçar a visão do inferno (*hellscape*) da vida contemporânea para melhor explicá-la, e, a partir das profundezas dessa perdição, imaginar a possibilidade de algo diferente. É claro que, uma forma imediata de descrever o que está acontecendo em Marcuse, Fisher e outros teóricos críticos (ou diagnosticadores da cultura) é designá-los como pensadores “dialéticos”, que são capazes de lidar com a contradição, analisá-la e descrevê-la, bem como criticá-la. Marcuse descreve sua relação com a “teoria dialética” em *O homem unidimensional* em termos característica e necessariamente negativos:

“[No período atual] a teoria dialética não é refutada, mas não pode oferecer o remédio. Não pode ser positiva. De fato, o conceito dialético, ao compreender os fatos dados, transcendem-nos. Ela é o próprio indício de sua veracidade. Ela define as possibilidades históricas, até mesmo as necessidades históricas; mas a realização destas só pode estar na prática que responde à teoria, e, no presente, a prática não dá tal resposta. Tanto em bases teóricas, bem como em bases empíricas, o conceito dialético pronuncia sua própria desesperança” (Marcuse 1973: 232).

A descrição de Fisher de seu próprio método é talvez mais ambígua, mais fantasmático, mais afetiva, em manter com sua ênfase aqui e em outro lugar sobre a importância de fantasmas negativos e positivos. (A música de 1981 “Ghosts of My Life”, da banda Japan, foi central para o entendimento de Mark de sua vida e seu trabalho. A coleção de 2014 de seus ensaios foi intitulada *Ghosts of My Life: Writings on Depression, Hauntology and Lost Futures*): “O realismo capitalista, como eu o compreendo, não pode

estar confinado à arte ou à forma quase propagandística como funciona os anúncios. É mais como uma *atmosfera* penetrante, condicionando não apenas a produção da cultura, mas também a regulação do trabalho e da educação, e agindo como um tipo de barreira invisível coagindo o pensamento e a ação” (Fisher 2009: 16). Nós iniciamos com os objetos de nossa crítica ou com o método que nós poderíamos utilizar para entendê-lo melhor? O que acontece quando nossa análise e nosso método tornam-se a mesma coisa, a mesma *atmosfera*?

Outra maneira de permanecer fiel ao pensamento que tanto Marcuse quanto Fisher compartilham é mudar, talvez um pouco perversamente, para um registro religioso – para lembrar o que Deus diz a São Silvano Atonita, um monge Ortodoxo Oriental russo: *mantém tua mente no inferno e não te desespere*. Essa frase foi muito apreciada pela pensadora também dialética Gillian Rose, que a usou como epígrafe no texto que ela compôs quando estava morrendo de câncer de ovário, *Love’s Work: A Reckoning with Life* (Rose 1995). Marcuse morreu em 1979, aos 81 anos, Rose em 1995, aos 48 anos. Fisher, que se suicidou em 13 de janeiro de 2017, também tinha 48 anos.<sup>2</sup> O inferno é um lugar difícil para o corpo e para a mente. Permanecer lá e ter, no entanto, esperança, ou pelo menos a possibilidade de “não desespere”, é entender que o inferno e o céu não estão separados pela terra, mas ambos estão totalmente presentes nela *em todos os momentos*. Entender o capitalismo em tais termos não é conceder terreno a uma concepção religiosa de vida, mas entender que o capitalismo já consumiu todas as imagens da vida após a morte e da vida em que vivemos, ou tentamos viver. Viver de acordo com os extremos do pensamento é combinar a possibilidade de ver o pior do que é

---

2 Briggs (1979), Caygill (1996), Reynolds (2017).

verdadeiro com o melhor do que é possível. Sugerir, como fazem Marcuse e Fisher, que vivemos em uma “sociedade sem oposição” é um chamado para entender a vida dos pontos mais baixos – o mundo na maneira como nossos opressores gostariam que a víssemos, um mundo no qual “não há alternativa” –, e aceitar que, mesmo do ponto de vista do inferno, também sabemos que “a vida humana vale a pena ser vivida, ou melhor, pode e deve tornar-se digna de se viver” (Marcuse 1973: 14). Vale a pena enfatizar imagens do que Beckett chamou de “*au temps béni du bleu*” (“os abençoados dias de azul”, Beckett 1967: 70) no trabalho de Marcuse e Fisher, e de entender, com toda a seriedade, como a cantora pop Belinda Carlisle fez em 1987, “O céu é um lugar na Terra” (Dizem que no céu o amor vem primeiro / Nós faremos do céu um lugar na terra / Ooh, o céu é um lugar na terra). Devemos notar, a propósito, que a descrição de Marcuse da sociedade sem oposição se baseia frequentemente em imagens do inferno: “Aqueles cuja vida é o inferno da Sociedade Afluente são mantidos na ordem por uma brutalidade que revive as práticas medievais e dos primórdios da era moderna” (Marcuse 1973: 42); “Os crimes da sociedade, o inferno que o homem criou para o homem” (ibid.: 73); “O materialismo [...] tem um conceito mais universal e realista de salvação [que o cristianismo]. Só admite a realidade do Inferno num lugar definido, aqui na Terra, e afirma que esse Inferno foi criado pelo Homem (e pela Natureza)” (ibid.: 219). O céu é um lugar na terra, mas o inferno também.

Mas descansar *apenas* ou principalmente com horror, exploração e violência, com depressão, inação, apatia e desespero – com o inferno na terra, o inferno que é a terra – é esquecer-se de que às vezes o céu nem sempre está cinza, e mesmo quando está, como Lao-Tzu diz: “Os ventos violentos não sopram a manhã toda.

A chuva repentina não pode cair o dia todo. O que causa essas coisas? O Céu e a Terra. Se o Céu e a Terra não sopram e fluem por muito tempo, quanto menos devem os humanos?” (Lao-Tzu 1993: seção 23). A “Doutrina da Apatia” de Lao-Tzu não é, evidentemente, o modelo mais útil para a estratégia revolucionária, e, ainda, existe algo entre a Terra e o Céu, entre o azul e o cinza, entre o pessimismo e o otimismo, o que significa que devemos sempre ter a expectativa do pior e ter a esperança do melhor. E por mais intratável e permanente que possa parecer o reino de terror de nossos inimigos, há sempre a possibilidade de que as nuvens se desfaçam e de que tudo seja transformado, como se fosse a primeira vez. Imagens são importantes. Elas podem nos ajudar a responder à pergunta de Marcuse: “como podem os indivíduos administrados – que levaram a sua mutilação às suas próprias liberdades e satisfações e, assim, reproduzem-na em escala ampliada – libertar-se tanto de si mesmos como de seus senhores?” (Marcuse 1973: 230). Estamos rodeados de imagens e práticas que nos ferem e esquecemos que estamos sendo feridos. Nossas rotas de fuga para fora dessas formas de dano são muitas vezes a junção confusa de ainda mais danos. E ainda assim, o céu permanece. O que imaginamos a respeito do que o céu é diz respeito a nós.

É claro que Marcuse estava certo em suspeitar profundamente do “triunfo do pensamento positivo”, onde “o pensamento filosófico se transforma em pensamento afirmativo”, onde a análise linguística finge “curar o pensamento e o discurso das noções metafísicas que confundem” – de “fantasmas” (Marcuse 1973: 173). Assim como Fisher estava certo em nos lembrar que o capitalismo opera como uma “potencialidade sombria que assombrava todos os sistemas sociais anteriores” (Fisher 2009: 5). Estamos hoje cercados de exortações à “felicidade”, à “atenção

plena”, à “resiliência”, ao automonitoramento e uma miríade de outras formas de imperativos individualizantes que geram “impotência reflexiva”, como diz Fisher, e “dessublimação repressiva”, como disse Marcuse já em meados da década de 60: “A alma contém poucos segredos e anseios que não possam ser judiciosamente discutidos, analisados e pesquisados” (Marcuse 1973: 81). Mas além destes modos falsos, inquietantes e autodestrutivos de “felicidade” e “gozo”, ainda há verdade e justiça, por mais que estas sejam obstruídas e tiradas por aqueles que não apenas nos tornam miseráveis, mas também nos fazem sentir que o fato de que o mundo é insuportável é nossa culpa. Como Fisher diz:

“Quero argumentar que é necessário reformular o problema crescente de estresse (e aflição) nas sociedades capitalistas. Em vez de tratá-lo como incumbência aos indivíduos para resolver suas próprias aflições psicológicas, ao contrário, isto é, aceitando a vasta privatização do estresse que ocorreu nos últimos trinta anos, precisamos perguntar: como é que se tornou aceitável que tantas pessoas e especialmente tantos jovens, estejam doentes? A ‘praga da saúde mental’ nas sociedades capitalistas sugeriria que, em vez de ser o único sistema social que funciona, o capitalismo é inerentemente disfuncional e que o custo dessa aparência é muito alto” (Fisher 2009: 19).

## **Esperança contra esperança**

Mencionar a esperança, como tantas vezes fazemos no final de um texto que, de outra forma, expõe a miséria da vida contemporânea, às vezes funciona para encerrar o pensamento. A esperança é em si esperançosa, e aí reside sua atração, assim como sua qualidade destrutiva. Como Lauren Berlant (2011: 1) diz: “A relação de otimismo cruel existe quando algo que você deseja é realmente um obstáculo ao seu florescimento”. A própria esperança



pode facilmente funcionar como um desses obstáculos, se se tornar um desejo obsessivo ou fervoroso, sem âncora. É fácil demais dissipar-se na esperança como a relação com um futuro puro que está por vir, de alguma forma imaginar que o inferno que somos forçados a (ou que escolhemos, ainda que ambivalentemente) manter nossas mentes, será resolvido em algum único momento oceânico no qual toda a separação entre o eu e o outro, entre os fragmentos quebrados de nossas vidas, será reconciliada. Mas a esperança é pelo menos tão complexa quanto o desespero, se não mais. Berlant tem o cuidado de salientar que “seria errado ver a negatividade do otimismo como um sintoma de um erro, uma perversão, um dano ou uma verdade sombria: o otimismo é, ao contrário, uma cena de sustento negociado que torna a vida suportável à medida que apresenta a si mesma de maneira ambivalente, desigual e incoerente” (Berlant 2011: 14). O foco de Marcuse em *O homem unidimensional* está precisamente nas formas de aliviar a miséria e as semi-liberdades que a sociedade unidimensional parece oferecer na forma de entretenimento e bens de consumo. Podemos sentir que estamos sendo forçados a ser felizes, e isso, por sua vez, gera ainda mais miséria. Em sua descrição da “impotência reflexiva” dos alunos, nós estávamos dando aulas enquanto ele estava escrevendo o livro no qual Fisher aponta: “qualquer estudante adolescente [...] parecia estar em um estado do que eu chamaria de hedonia depressiva. A depressão é geralmente caracterizada como um estado de anedonia, mas a condição a que me refiro é constituída não por uma incapacidade de obter prazer, mas por uma incapacidade de fazer qualquer outra coisa, exceto buscar prazer. Há uma sensação de que “algo está faltando” – mas nenhuma apreciação de que esse gozo misterioso e ausente só pode ser acessado além do princípio do prazer” (Fisher

2009: 21-22). Nada é mais miserável do que ser forçado a se divertir [*enjoy yourself*]. Então, o que é a esperança, separada da falsa felicidade e observada a partir da visão do inferno? O que é esperança além ou de dentro da vida e da sociedade unidimensionais? Além do realismo capitalista?

Na superfície e historicamente, o texto de Marcuse tem algo de uma relação ambivalente com a esperança. Recebidos por títulos de seções tais como “A paralisia da crítica”, “As novas formas de controle”, “O encerramento do universo político”, “Pensamento negativo: A lógica derrotada do protesto” e “A catástrofe da libertação”, dificilmente seria perdoado por pensar que o texto tem pouquíssima relação com o que quer que a esperança “real” indique: um mundo alternativo, o tempo abençoado do azul, revoltas em massa, mais sono. Da mesma forma, o texto de Marcuse não apresenta nada como um guia prático ou estratégico para a organização ou ação revolucionária. Como Douglas Kellner coloca em sua Introdução ao texto:

“Enquanto *O homem unidimensional* se tornou associado ao radicalismo da Nova Esquerda nos anos 60, o texto tem uma relação paradoxal com o novo radicalismo cuja possibilidade são tais que as análises parecem negar. Na conclusão do livro, Marcuse especulou que havia apenas uma pequena chance de que os forasteiros mais explorados e perseguidos, em aliança com uma intelligentsia esclarecida, pudessem marcar ‘o começo do fim’ e significar alguma esperança de mudança social. Ele pensava que havia esperança de que o movimento pelos direitos civis pudesse produzir fermento que levaria a uma nova era de lutas, e manteve o conceito de ‘Grande Recusa’ de formas de opressão e dominação como seu ideal político” (Kellner 2007: xxxv).

É também evidente, porém, que embora Marcuse seja altamente crítico da União Soviética, tanto em *O homem unidimensional* como em *Marxismo soviético* de 1958 (no primeiro,

ele pergunta: “E a sociedade soviética estaria capacitada a liberalizar os controles totalitários a ponto de poder operar-se uma transformação qualitativa, após atingir a meta de ‘alcançar e ultrapassar’?”, Marcuse 1973: 43), no entanto, devemos notar que, historicamente, havia alternativas políticas, sociais e estéticas visíveis no horizonte, e que Marcuse as viu e reconheceu como tais (embora como “alternativas” que provavelmente se tornariam mais repressivas). Quando Fisher escreve *Realismo capitalista*, vinte anos após a queda do muro de Berlim, ele reconhece implicitamente a mudança entre o tempo de seu texto daquele do texto de Marcuse: “A tese de Fukuyama de que a história chegou a seu ponto mais alto no capitalismo liberal pode ter sido amplamente ridicularizada, mas é aceita e até mesmo assumida no nível do inconsciente cultural” (Fisher 2009: 6). Tanto Marcuse quanto Fisher operam, acima de tudo, como diagnosticadores, como analistas do panorama geral – menos táticos que os videntes, dos profetas, prestando atenção aos fantasmas, às assombrosas qualidades da esperança. Talvez, em certo sentido, a esperança não seja algo que está por vir, mas algo atrás de nós, escondido nas sombras, cintilante.

## Nada a esperar

Para Marcuse, a esperança sob o disfarce da verdade é aquela que vemos apresentada, estranhamente, na arte e na literatura, cujos conteúdos antagônicos são absorvidos pela sociedade sem oposição: “No domínio da cultura, o novo totalitarismo se manifesta precisamente num pluralismo harmonizador, no qual as obras e as verdades mais contraditórias coexistem pacificamente com indiferença” (Marcuse 1973: 73). As esperanças não satisfeitas

dos personagens da literatura e da arte revelaram uma configuração diferente da verdade: “Sua verdade estava na ilusão evocada, na insistência em criar um mundo no qual o terror da vida era recordado e interrompido – dominado pelo reconhecimento” (ibid.). Da mesma forma, para Fisher, no quadro contínuo da sociedade sem oposição, a era das “verdades nas ilusões” continuou a ser eclipsada, não apenas por indiferença e absorção, mas por um desempenho ainda mais insidioso, pelo qual certos, ou mesmo a maior parte, dos produtos culturais ‘desempenham seu anticapitalismo’ para nós” (Fisher 2009: 12). O *Realismo capitalista* prossegue sem propaganda explicitamente estreita – pode, de fato, operar exatamente como Marcuse observa, como um “pluralismo harmonizador”. Como Fisher diz, “o capitalismo pode proceder perfeitamente bem, em alguns aspectos, melhor, sem que ninguém defenda isso” (ibid.). A esperança também pode desempenhar esse papel e, no entanto, também permanece “nada além de uma chance” (Marcuse 1973: 235). Devemos ouvir na frase de Marcuse, chegando ao final do livro, múltiplas possibilidades – não há necessidade de acaso e ainda não há nada além do acaso. É este o mesmo “nada” que “indica que será um bom fim” (ibid.)? A “coisa nenhuma” que assombra a possibilidade de esperança é a própria esperança. Como Marx coloca em “Uma contribuição para a crítica da filosofia do direito de Hegel”, a possibilidade “positiva” da emancipação alemã reside:

“Na formulação de uma classe com cadeias radicais, uma classe da sociedade civil que não é uma classe da sociedade civil, uma classe que é a dissolução de todas as classes, uma esfera que tem um caráter universal por causa de seu sofrimento universal e que não reivindica nenhum direito particular porque o mal que sofre não é um erro particular, mas errado em geral [...] A perda total da humanidade [...] pode se redimir apenas por meio da redenção total da humanidade” (Marx 1975: 256).

O trabalho de Fisher, em *Realismo capitalista* e em outros lugares, muito contribuiu para a história do revolucionamento [*revolutionising*] do negativo, da “coisa nenhuma”, o espectro assombrando o próprio capitalismo: a ressurreição de Fisher da ideia de “hauntologia” [*hauntology*] é central para este projeto. Se a esperança é uma espécie de desejo, talvez até um desejo agressivo, um fantasma que realmente apavora e aponta para outro mundo, então precisamos imaginar como é possível mesclar os “dias abençoados do azul” para fundir o céu e a justiça infinita que representa, com a tristeza dos fantasmas. Em uma entrevista de 2014, Fisher disse o seguinte:

“[Des]ânimo, ou desânimo negado, é um sinal de anseio ou fome de realmente pertencer a alguma coisa e o capitalismo não apenas não pode atender a isso, como não quer cumpri-lo. Portanto, parte do que estou fazendo é tentar trazer essa negatividade subjacente à superfície como um meio de reconhecer a tristeza e as causas dessa tristeza, penso, para que possam ser expostas. E então trata-se de converter a depressão em raiva” (Fisher 2014).

Esperança convertida na compreensão da tristeza, da “coisa nenhuma” que assombra, mas nos lembra, ao mesmo tempo, que existe outro mundo, que há desejos que o capitalismo não pode satisfazer, é a esperança dos fantasmas, dos indivíduos administrados mutilados de Marcuse. Para se comprometer com fantasmas, com o céu, para manter a mente no inferno, que não é outra coisa senão o próprio capitalismo, e, no entanto, não se desesperar, como for possível, é lembrar que há outras “coisa nenhuma” que existem e que também podem triunfar.

Texto original: POWER, Nina. “Society without Opposition Herbert Marcuse’s One-Dimensional Man Meets Mark Fisher’s Capitalist Realism”. In: *Radical Philosophy Review*, Volume 20, Issue 1, Pages 107-116, 2017.

## Referências

- BECKETT, S. “Sans”. In: *Têtes-mortes*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.
- BERLANT, L. *Cruel Optimism*. Durham: Duke University Press, 2011.
- BRIGGS, K. A. “Marcuse, Radical Philosopher, Dies”. *The New York Times*, 31/07/1979.
- CARLISLE, B. *Heaven is a Place on Earth*. MCA Records, 1987.
- CAYGILL, H. “Gillian Rose, 1947-1995”. *Radical Philosophy* 77, maio/junho 1996.
- FISHER, M. *Capitalist Realism: Is There no Alternative?* Winchester: O Books, 2009.
- FISHER, M. “Did You Miss the Future?” (entrevista a Andrew Broaks). *Crack Magazine*, setembro de 2014.
- KELLNER, D. “Introduction to the Second Edition”. In: H. Marcuse. *One Dimensional Man: Studies in the Ideology of Advanced Industrial Society*. London: Routledge, 2007.
- LAO-TZU. *Tao Te Ching*. Trad. S. Addiss, S. Lombardo. Indianapolis: Hackett, 1993.
- MARCUSE, Herbert. *O homem unidimensional: A ideologia na sociedade industrial*. Trad. G. Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- MARX, K. “A Contribution to the Critique of Hegel’s Philosophy of Right”. In: *Early Writings*. Trad. R. Livingstone, G. Benton. London: Penguin Books, 1975.
- REYNOLDS, S. “Mark Fisher’s K-Punk Blogs were Required Reading for a Generation”. *The Guardian*, 18/01/2017.
- ROSE, G. *Love’s Work: A Reckoning With Life*. New York: Schocken Books, 1995.